



complexo b

Espetáculo musical com Adriana Calcanhotto, José Miguel Wisnik e João Camarero

Este espetáculo musical junta a cantora e compositora Adriana Calcanhotto, o compositor, pianista, cantor e ensaísta José Miguel Wisnik, curador-geral da exposição *complexo brasil*, e o guitarrista João Camarero.

O espetáculo propõe uma conversa expandida, na qual se desdobram sonoridades e elementos da poesia e da cultura brasileira e da cultura lusitana nas suas redes de subtilezas e complexidades – apontadas através dos encontros culturais ao longo de vários tempos –, retratadas na exposição.

Nas suas performances, intercaladas com diálogos, os artistas destacam não só aspetos singulares da identidade poético-musical brasileira, como a permeabilidade entre o erudito e o popular, a música e a literatura, mas também diálogos com a poesia portuguesa, que atravessam o roteiro de canções.

Este encontro especial entre três nomes de destaque na cena artística brasileira oferece uma espécie de ensaio multidimensional no qual vão emergindo variadas paisagens sonoras presentes na trajetória desses artistas que, no seu conjunto, revelam e desvendam musicalmente a beleza da língua poética brasileira, constituída de memória e criação, ruína e reinvenção, mares e morros, e as vertigens entre o sagrado e o profano.

O repertório inclui obras de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Milton Nascimento e Caetano Veloso, Baden Powell, Arnaldo Antunes, além de canções autorais de Adriana Calcanhotto e de José Miguel Wisnik e diálogos com os poetas portugueses Luís Vaz de Camões, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Adília Lopes, Fiamha Hasse Pais Brandão.

Prelúdio opus 28 n. 4

(Chopin)

Insensatez

(Tom Jobim / Vinicius de Moraes)

A insensatez que você fez
Coração mais sem cuidado
Fez chorar de dor o seu amor
Um amor tão delicado

Ah, por que você foi fraco assim
Assim tão desalmado
Ah, meu coração, quem nunca amou
Não merece ser amado

Vai, meu coração, ouve a razão
Usa só sinceridade
Quem semeia vento, diz a razão
Colhe sempre tempestade
Vai, meu coração, pede perdão
Perdão apaixonado
Vai, porque quem não pede perdão
Não é nunca perdoado

Canção de Siruiz

(Antonio Candido sobre
Guimarães Rosa)

Urubu é vila alta,
mais idosa do sertão:
padroeira minha vida –
vim de lá, volto mais não...
Vim de lá, volto mais não...

Corro os dias nesses verdes,
meu boi mocho baetão:
buriti, água azulada,
carnaúba – sal do chão.

Remanso de rio largo,
viola da solidão:
quando vou p'ra dar batalha,
convido meu coração...

A terceira margem do rio

(Milton Nascimento / Caetano Veloso)

Oco de pau que diz:
Eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, tristriz
Risca certaíra
Meio a meio o rio ri
Silencioso sério
Nosso pai não diz, diz:
Risca terceira

Água da palavra
Água parada pura
Água da palavra
Água de rosa dura
Proa da palavra
Duro silêncio, nosso pai

Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri
Por entre as árvores da vida
O rio riu, ri
Por sob a risca da canoa
O rio viu, vi
O que ninguém jamais olvida
Ouvi ouvi ouvi

A voz das águas
Asa da palavra
Asa parada agora
Casa da palavra
Onde o silêncio mora
Brasa da palavra
A hora clara, nosso pai
Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra
Quando mais dentro aflora
Tora da palavra
Rio, pau enorme, nosso pai

Nada

(Adriana Calcanhotto sobre poema de Antonio Cicero)

nada sustenta no nada esta terra
nada este ser que sou eu
nada a beleza que o dia descerra
nada a que noite acendeu
nada o poema que breve se encerra
e que do nada nasceu
nada esse sol que ilumina enquanto
erra
pelas estradas do breu

Mortal Loucura

(José Miguel Wisnik sobre poema de Gregório de Matos / inserção de *Se nada fiz na jornada* de Zé Bernardino)

Na oração, que desaterra... a terra,
Quer Deus que a quem está o cuidado...
dado,
Pregue que a vida é emprestado ...
estado,
Mistérios mil que desenterra ... enterra.

Quem não cuida de si, que é terra, ...
erra,
Que o alto Rei, por afamado ... amado,
É quem lhe assiste ao desvelado ... lado,
Da morte ao ar não desaferra, ... aferra.

Quem do mundo a mortal loucura ...
cura,
A vontade de Deus sagrada ... agrada
Firmar-lhe a vida em atadura ... dura.

O voz zelosa, que dobrada ... brada,
Já sei que a flor da formosura, ... usura,
Será no fim dessa jornada ... nada.

Se nada fiz na jornada

(Zé Bernardino)

Se nada fiz na jornada
Nada ganhei nem perdi
Nada ignoro do nada
Porque do nada nasci
Se o nada é meu abrigo
Seja o nada meu jazigo
Pois nada disse me enfada
Eu do nada tenho estudo
E sei que o nada faz tudo
E tudo se torna nada

Tão pequeno

(Caetano Veloso sobre versos
de Luís de Camões)

Onde pode acolher-se um fraco
humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Céu
sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Os Ilhéus

(José Miguel Wisnik sobre poema
de Antonio Cicero)

Uma onde pode vir do céu,
imponderável como as nuvens,
e cair no dia feito um véu
ou a tampa de um ataúde.

E nada impede que se afundem
neo-Atlântidas e arranha-céus
ou que nossas cidades-luzes
submersas se tornem mausoléus.

Em arquipélagos, os ilhéus
pisarão ruínas ao lume
do mar, maravilhados e incréus

e devotados a insolúveis
questões, espuma, areia, fúteis
e ardentes caminhadas ao léu.

O Outro

(Adriana Calcanhotto sobre poema
de Mário de Sá-Carneiro)

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

Clarice Lispector

(Adriana Calcanhotto sobre poema
de Adília Lopes)

Clarice Lispector,
a senhora não devia
ter-se esquecido
de dar de comer aos peixes
andar entretida
a escrever um texto
não é desculpa
entre um peixe vivo
e um texto
escolhe-se sempre o peixe
vão-se os textos
fiquem os peixes
como disse Santo António
nos textos

Poética do Eremita

(Adriana Calcanhotto sobre poema
de Fiama Hasse Pais Brandão)

No deserto estão secas
as pedras que no mar se molhavam
a semelhança confunde o eremita que
solitário demais
passou o tempo entregando-se à
solitária memória
aqui a pedra seca
para o eremita não perdeu
a qualidade úmida de poder
ter estado ao pé do mar.

Canção do Exílio

(Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Corre o Munda

(Adriana Calcanhotto)

Não existe rima para ti, Coimbra
Nem achei palavra para explicar-te
Não existe rima para ti, Coimbra
Nem achei palavra para decifrar-te
Não permita Deus que eu morra sem
voltar

A flamar-te sob o céu cinza
A encher-me os olhos com o rio raso
que te serpenteia

Por onde vagueia tua compositora sem
eira nem beira

Corre o Munda, corre o Munda
Corre o Munda, corre o Munda

Não existe rima para ti, Coimbra
Nem achei palavra para explicar-te
Não permita Deus que eu morra sem
voltar

A flamar-te sob o céu cinza
A encher-me os olhos com o rio raso
que te serpenteia

Por onde vagueia tua compositora sem
eira nem beira

Corre o Munda, corre o Munda
Corre o Munda, corre o Munda

Sim, sei bem

(José Miguel Wisnik sobre poema
de Ricardo Reis)

Sim, sei bem

Que nunca serei alguém.

Sei de sobra

Que nunca terei uma obra.

Sei, enfim,

Que nunca saberei de mim.

Sim, mas agora,

Enquanto dura esta hora,

Este luar, estes ramos,

Esta paz em que estamos,

Deixem-me me crer

O que nunca poderei ser.

Segue o teu destino

(Sueli Costa sobre poema
de Ricardo Reis)

A realidade

Sempre é mais ou menos

Do que nós queremos.

Só nós somos sempre

Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.

Grande e nobre é sempre

Viver simplesmente.

Deixa a dor nas aras

Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.

Nunca a interrogues.

Ela nada pode

Dizer-te. A resposta

Está além dos Deuses.

Mas serenamente

Imita o Olimpo

No teu coração.

Os deuses são deuses

Porque não se pensam.

Noite de S. João

(Fred Martins sobre poema
de Alberto Caeiro)

Noite de S. João para além do muro
do meu quintal.
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.
Porque há S. João onde o festejam.
Para mim há uma sombra de luz
de fogueiras na noite,
Um ruído de gargalhadas, os baques
dos saltos.
E um grito casual de quem não sabe
que eu existo.

Tarde Em Itapuã

(Toquinho / Vinicius de Moraes)

Um velho calção de banho
O dia pra vadiar
Um mar que não tem tamanho
E um arco-íris no ar
Depois na praça Caymmi
Sentir preguiça no corpo
E numa esteira de vime
Beber uma água de coco

É bom
Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã

Enquanto o mar inaugura
Um verde novinho em folha
Argumentar com doçura
Com uma cachaça de rolha
E com o olhar esquecido
No encontro de céu e mar
Bem devagar ir sentindo
A terra toda a rodar

É bom
Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã

Depois sentir o arrepio
Do vento que a noite traz
E o diz-que-diz-que macio
Que brota dos coqueirais
E nos espaços serenos
Sem ontem nem amanhã

Dormir nos braços morenos
Da lua de Itapuã

É bom
Passar uma tarde em Itapuã
Ao sol que arde em Itapuã
Ouvindo o mar de Itapuã
Falar de amor em Itapuã

João

(César Mendes / Arnaldo Antunes)

São tantos e tão poucos tem noção
De como se inaugura uma nação
Não é bem com monumentos
Ou com balas de canhão
É quando uma brisa bate na respiração
E entra no juízo de um João

Que dedica todo empenho
E amor ao seu engenho
Para arejar os cantos da canção
E dar sentido à nossa sensação

Milhares de partículas no ar
Reviravoltam numa vibração
Para nos dar sua benção
Para nos tirar do chão
Como se a rotação da terra
Fosse então
Essa voz e esse violão

Quando uma só pessoa
O silêncio aperfeiçoa
Toda multidão
Escuta o coração
E se torna civilização

Parangolé Pamplona

(Adriana Calcanhotto)

O Parangolé Pamplona você mesmo
faz

O Parangolé Pamplona a gente
mesmo faz

Com um retângulo de pano de uma
cor só

E é só dançar

E é só deixar a cor tomar conta
do ar Verde

Rosa

Branco no branco no preto nu

Branco no branco no preto nu

O Parangolé Pamplona

Faça você mesmo

E quando o couro come

É só pegar carona

Laranja

Vermelho

Para o espaço estandarte

Para o êxtase asa delta

Para o delírio porta aberta

Pleno ar

Puro hélio

Mas

O Parangolé Pamplona você mesmo
faz

Terra Estrangeira

(José Miguel Wisnik)

Muito além ou aquém da saudade
sou ninguém ou alguém além da dor
que chegou até onde vai o mar e voltou
encalhado no fado estou

Viajante adiante da viagem
a levar todo mar e Atlântida
sou cativo de uma tribo sem margem
sem mais terra sem mal a buscar

Portugal do tamanho de um mundo
Cabo Verde apontando pra lá
há um lugar (onde está?)
há um lugar (sei que há)
um lugar que faltei achar
há um lugar (há de vir)
só faltou descobrir
um lugar e ainda quero ir

Chega de saudade

(Tom Jobim / Vinicius de Moraes)

Vai, minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe, numa prece, que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer
Chega de saudade
A realidade é que sem ela não há paz
Não há beleza, é só tristeza e a
melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim,
não sai
Mas se ela voltar, se ela voltar
Que coisa linda, que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar
no mar
Do que os beijinhos que eu darei
na sua boca
Dentro dos meus braços
Os abraços hão de ser milhões
de abraços
Apertado assim, colado assim,
calado assim
Abraços e beijinhos e carinhos sem
ter fim
Que é pra acabar com esse negócio
de você viver sem mim
Não há paz
Não há beleza, é só tristeza e a
melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim,
não sai

Dentro dos meus braços
Os abraços hão de ser milhões
de abraços
Apertado assim, colado assim,
calado assim
Abraços e beijinhos e carinhos sem
ter fim
Que é pra acabar com esse negócio
de você viver sem mim
Não quero mais esse negócio de você
longe de mim
Vamos deixar desse negócio
de você viver

complexo b



Programa

Prelúdio opus 28 n. 4

(Chopin) / **Insensatez**

(Tom Jobim / Vinicius de Moraes)

Canção de Siruiz (Guimarães

Rosa) / **A terceira margem**

do rio (Milton Nascimento /
Caetano Veloso)

Nada (Adriana Calcanhotto sobre
poema de Antonio Cicero) /

Mortal loucura (José Miguel Wisnik
sobre poema de Gregório de Matos,
com inserção de *Se nada fiz na jornada*,
poema de Zé Bernardino)

Tão pequeno (Caetano Veloso
sobre versos de Luís de Camões) /

Os Ilhéus (José Miguel Wisnik
sobre poema de Antonio Cicero)

O Outro (Adriana Calcanhotto
sobre poema de Mário de Sá-Carneiro)

Clarice Lispector (Adriana Calcanhotto
sobre poema de Adília Lopes)

Poética do eremita

(Adriana Calcanhotto sobre poema
de Fiamma Hasse Pais Brandão)

Canção do Exílio (Gonçalves Dias)

Corre o Munda (Adriana Calcanhotto)

Sim, sei bem (José Miguel Wisnik
sobre poema de Ricardo Reis)

Segue o teu destino (Sueli Costa
sobre poema de Ricardo Reis)

Noite de S. João (Fred Martins
sobre poema de Alberto Caeiro)

Tarde em Itapuã
(Toquinho / Vinicius de Moraes)

Afro-sambas (Baden Powell / Vinicius
de Moraes) **Canto de**
Ossanha / Berimbau / Consolação

João (César Mendes / Arnaldo Antunes)

Parangolé Pamplona
(Adriana Calcanhotto)

Terra Estrangeira (José Miguel Wisnik)

Chega de saudade
(Tom Jobim / Vinicius de Moraes)
